

## **A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DE MARIA NA IGREJA CATÓLICA: UMA ANÁLISE DO CONTEXTO POLÍTICO, SOCIAL E RELIGIOSO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA DE 1917 A CONTEMPORANEIDADE.**

*SILVA, Tiago Vidal da (FAFIJA)*

A figura de Maria sempre esteve muito presente nas expressões religiosas do catolicismo e hoje constitui objeto de pesquisa e de análise de historiadores, sociólogos, antropólogos, psicólogos, filósofos e teólogos que buscam antes de explicar, compreender o retorno ao sagrado, e conseqüentemente a influência das mudanças religiosas na sociedade.

As MUDANÇAS religiosas só se explicam, se admitirmos que as mudanças sociais produzem, nos fiéis, modificações de idéias e de desejos tais que os obrigam a modificar partes de seu sistema religioso. Há uma continuidade de ida e volta, uma infinidade de reações entre os fenômenos religiosos, a posição dos indivíduos no interior da sociedade e os sentimentos religiosos desses indivíduos. (JULIA, 1976, p. 106).

Desde os primórdios do Cristianismo já se via a presença da devoção mariana, pois os ícones que representavam Maria podiam ser encontrados nas Igrejas (principalmente do Oriente) e nas catacumbas dos primeiros séculos da era cristã.

Todavia, os livros bíblicos mencionam poucas vezes sua figura.

O próprio Jesus, nas poucas vezes que a refere (5 vezes em todos os Evangelhos) trata-a por "Mulher". Mateus, o evangelista que mais vezes a refere, dedica-lhe dezessete versículos no conjunto de 1068 que constituem o seu Evangelho. Lucas refere-a vagamente; João quase que a esquece, embora aos pés da cruz Jesus a confie, Marcos nem se lhe refere. Nos Atos dos Apóstolos, surge apenas duas vezes, mais como viúva desamparada e necessitada de auxílio depois de ter perdido o filho, do que uma figura proeminente. Na literatura epistolar neo-testamentária é completamente esquecida. São Paulo não a refere uma única vez. (SILVA, 2006, p.03).

O fato da figura de Maria cair no esquecimento nos primeiros tempos do cristianismo, e hoje na contemporaneidade constituir-se num verdadeiro fenômeno religioso, é denominado por Rui Alberto Silva de "Paradoxo Mariano". Entretanto de acordo com algumas pesquisas históricas, pode-se sugerir certas hipóteses para a solução do problema.

Uma delas está fundamentada nos textos bíblicos e em documentos como de Flávio Josefus, que segundo Silva analisam a estrutura da cultura judaica do século I d.C. Segundo essa teoria, para a cultura dos judeus a mulher tinha uma importância limitada, desempenhava um papel de submissão e obediência e nunca a função de protagonista, e isto de nada contribuiu para a exaltação de Maria.

Outra solução proposta pelos estudiosos da religião para resolver a causa do esquecimento de Maria nos quatro primeiros séculos d.C., vem a ser o contexto religioso das primitivas comunidades cristãs que estava fortemente impregnado por mitologias de deuses. Na expansão do Cristianismo os apóstolos tiveram que pregar algo diferencial das culturas politeístas que dominavam as regiões de Roma, Grécia, Egito, Pérsia, etc. Para alcançar tal intuito havia de ser difundido um monoteísmo unicamente masculino. Afinal, caso fizessem referência àquela “que tinha sido fertilizada pelo próprio deus, que tinha dado à luz sem deixar de ser virgem, qualquer grego, romano ou egípcio” (SILVA, 2006, p.06) identificaria Maria como sendo uma deusa no meio de tantas outras.<sup>1</sup>

As religiões primitivas eram matriarcais, isto é, não eram regidas somente por um deus, mas também por uma “Grande Deusa”. Entre os egípcios essa “Grande Mãe Cósmica” era Ísis, para os gregos correspondia a Minerva, em Creta era denominada de Ártemis e assim por diante.

Quando Constantino I apoderou-se do trono imperial romano o cristianismo passa a ser a religião oficial do Império e, por conseguinte uma das primeiras atitudes do papa Silvestre I foi remodelar todo o calendário romano, suprimindo os feriados e festas dedicadas aos deuses pagãos, e dando assim lugar às solenidades cristãs.

Entretanto, algo não enquadrava na própria organização e mentalidade do Império: a carência da “figura maternal, feminina, geradora, fértil, que incorporava todo o elemento matriarcal da sociedade romana” (SILVA, 2006, p. 11). Para tanto Maria incorporou este elemento matriarcal, mostrando que o Cristianismo não é órfão de mãe. Como transcorreu este processo?

Alguns teóricos das Ciências da Religião atestam que o culto a Maria foi propagado pelos padres da Igreja na tentativa de barrar na cidade de Éfeso o crescente culto pagão a Ártemis, deusa da fecundidade. Para alcançar o bom êxito nesta ação e dar um contra-golpe ao culto da deusa Ártemis a Igreja passa a reconhecer Maria como a força geradora, a “verdadeira mãe da fecundidade”, através do título “Theotókos” (Mãe de Deus) no Concílio de Éfeso em 431.

---

<sup>1</sup> Em Roma um deus fecunda uma mortal e dessa união nasce um herói, exemplificando, Júpiter desceu em forma de chuva de ouro sobre Rea Sílvia e desta união nasceu Rômulo e Remo, fundadores de Roma. No Egito, certamente seria feito um paralelo entre a história de Cristo e de Osíris, visto que Osíris também foi morto, sacrificado pela salvação dos homens e ressuscitando tomou o controle do mundo ao lado de seu pai, Rá, deus do sol. (SILVA, 2006, p. 06.)

Olhando por uma outra vertente, o Concílio convocado por Cirilo de Alexandria tinha como principal objetivo combater a heresia denominada nestorianismo<sup>2</sup>, o que de certo modo foi alcançado.

Maria depois de 400 anos de penumbra sai do Concílio de Éfeso, que durou apenas 10 dias (de 22 a 31 de julho de 431) com uma história, uma missão, uma doutrina, um culto, um lugar eminente na corte celeste, Rainha dos Céus, dos Anjos e de todos os Santos, Mãe da Igreja, Mãe de Deus (SILVA, 2006, p. 17).

Sob o título de “Mãe de Deus”, todos os outros hipocorísticos dedicados aos deuses pagãos passam a fazer referência a Maria (Rosa de Ouro, Rainha do Universo, etc.). Fiores e Meo (1995, p.900) nos declaram que “a força mitológico-simbólico de Maria é tal que ela polariza em si uma encruzilhada de mitos”. Deste ponto de vista, ratifica-se o fato de que o culto mariano foi integrando-se gradativamente na religiosidade do povo cristão e que será somente a partir do século IV que a figura de Maria vai assumir dimensões maiores dentro do Cristianismo.

Dentro de uma outra visão, um tanto mais sociológica, pode-se afirmar que a devoção mariana alcançou a grandeza que hoje conhecemos, porque no decorrer da história a figura de Maria esteve intimamente ligada à figura feminina. As mulheres se identificavam com Maria, ou melhor, a “Nossa Senhora”.

[...] muitos autores dizem que a devoção a Nossa Senhora foi usada, conscientemente ou não, para transmitir e reforçar para o povo uma imagem de mulher calada, submissa, passiva e resignada. Uma mulher que obedece ao marido, cuida dos filhos, vai à missa e reza todos os dias, mas que não tem consciência de seus problemas e nem luta para resolvê-los. (CARDOSO, 2000, p. 03).

Contudo, com os movimentos feministas do século XX, as mulheres começaram a reclamar por mudanças quanto ao seu papel na sociedade, e conseqüentemente a imagem que se tinha de Maria se desmoronou. A mulher passou a ser uma guerreira, que trabalha para ajudar a sustentar a família, não se submete mais às ordens machistas e autoritárias do marido, questiona e exige o seu lugar dentro das instituições da sociedade. Ou seja, a mulher deixou de ser objeto e passou a ser sujeito.

---

<sup>2</sup> Heresia fundada por Nestório que sustentava que Maria tinha sido um simples veículo para a encarnação de Cristo, uma espécie de “mãe de aluguel”, como se fala na atualidade.

Da mesma forma a imagem de Maria passou a ser “uma aliada de luta, um exemplo de força e de coragem, um sinal concreto de esperança” (CARDOSO, 2000, p. 03), um símbolo referencial para as mulheres que buscam ser agentes de transformação na sociedade contemporânea. Portanto, o feminismo usou a figura de Maria como argumento para promover os direitos da mulher na Igreja e na sociedade.

Percebe-se que a figura de Maria foi sendo constituída conforme o papel que a mulher exercia na sociedade. Nesta análise o historiador não deve ser anacrônico, e para tanto se faz necessário observar as coordenadas espaço-temporais, sócio-culturais e políticas da figura histórica de Maria, como também inferir nos esquemas interpretativos da religião a imagem que a ela era proporcionada nas diversas épocas pelos mais diversos povos e culturas (mãe, símbolo de pobreza, participação ativa na libertação dos oprimidos, etc.).

Segundo Jung<sup>3</sup> a imagem de Maria simbolizada como mulher possui uma importância considerável no psicológico das pessoas, tal que a Igreja a colocou como modelo de personalidade para a sociedade, “Maria é um caso declarado de identificação, de reflexo, de imagem arquetípica nuclear na psique mítica ocidental”. (SILVA, 2006, p. 32).

Com mais de vinte séculos de história, apesar do progresso e das mudanças ocorridas dentro da Igreja Católica e na sociedade, percebe-se que a “Nossa Senhora” está cada vez mais na boca do povo. Em todo o mundo percebe-se a tamanha proporção que o culto mariano adquiriu no decorrer da História.

De serva ela tornou-se rainha, eis o ponto de chegada do caminho percorrido por Maria na Igreja. Entretanto, sabe-se que a Igreja Católica sempre teve a figura de Maria como uma “carta na manga” em momentos de crises, na luta contra o avanço do protestantismo e principalmente no combate aos regimes ditatoriais e sufocadores, tais como o comunismo.

E como melhor exemplificação desta assimilação que a Igreja faz da figura de Maria, vejamos o fenômeno das aparições de Fátima em Portugal, na qual é hoje um dos lugares mais freqüentados de toda a Igreja Católica. Desde já, coloca-se que como historiadores da religião o nosso estudo não tem a pretensão de averiguar a veracidade desse fenômeno religioso e nem de realizar uma análise a partir de uma série de fatos isolados.

---

<sup>3</sup> Carl Gustav Jung (1875-1961), um dos precursores da psicanálise (juntamente com Freud), fornece um esquema para explicar o extraordinário papel desempenhado pelos símbolos míticos e religiosos na experiência humana. (PADEN, 2001, p. 93 e 101).

Em vez de encarar a religião como algo certo ou errado, ele a concebe como um tipo de experiência, comportamento e sistema de símbolos [...]. Para o que compara, as crenças religiosas são antes de mais nada expressões da visão de mundo de alguém, e não proposições a discutir em termos de sua verdade independente. [...] Como disciplina, as partes precisam ser entendidas em relação ao todo, e o todo em termos das partes. (PADEN, 2001, 133 e 134).

Sendo assim, em 1917 no povoado de Fátima (Portugal), três crianças (Lúcia de Jesus Santos, Jacinta Marto e Francisco Marto) relataram ter visto na copa de uma carrasqueira a imagem de Nossa Senhora. Eis o que Marques nos apresenta acerca deste fenômeno religioso:

Em maio de 1917, a Igreja ou alguns dos seus elementos locais, possivelmente organizou – e certamente explorou – as chamadas aparições de Fátima, que se sucederam a outras aparições menos bem logradas, e depressa exerceram uma influência grande sobre as massas, preparando um renascimento da devoção popular. Em outubro desse ano, tinha lugar a última das aparições, precisamente no momento em que os anticlericais desencadeavam nova vaga de perseguições e castigos. A Igreja sentira-se forte para desafiar o Governo mais uma vez. (MARQUES, 1998, p. 355).

Nota-se que a maioria das grandes aparições marianas acontece em pequenos povoados, para indivíduos da baixa sociedade e, que logo de início atrai um enorme número de pessoas. Na última aparição de Fátima, em outubro de 1917, havia um número de 70 a 80 mil pessoas; e isso é o bastante para se evidenciar como a figura de Maria exerce uma forte atração religiosa nas pessoas, principalmente entre os pobres e humildes, que colocam em Maria sua esperança diante de conflitos, guerras e calamidades que assolam a humanidade.

Ora, depois das grandes calamidades que, mesmo à Nossa vista, destruíram horrivelmente florescentes cidades, vila e aldeias; diante do doloroso espetáculo de tantos e tão grandes males morais, que transbordam em temerosa aluvião; quando vacila às vezes a justiça e triunfa com freqüência a corrupção; neste incerto e temeroso estado de coisas, sentimos nós a maior dor; mas ao mesmo tempo recorremos confiado à Nossa Rainha, Maria Santíssima. (PIO XII, 1954, p. 3-4).

As aparições em Fátima foram fenômenos extraordinários explorados pela Igreja Católica na luta contra o ateísmo republicano que se expandia na época. Sabe-se que no período das aparições em Fátima, a Igreja Católica portuguesa estava sendo constantemente perseguida e atacada por forças antimonarquistas e anticlericais. Qual a razão disso?

A primeira observação se refere de que no início do século XIX o Catolicismo português se estruturou depois de um longo período de declínio e iniciou

um forte combate ao ateísmo. Entretanto, até 1910, ano da proclamação da república, a Igreja possuía um papel determinante na sociedade devido às ligações extremamente íntimas que eram mantidas com o regime de governo até então vigente, a monarquia.

Nesta época a Igreja portuguesa se mostrava fortalecida politicamente e economicamente, mas religiosamente falando esta hegemonia não se revelava. Apesar do número de católicos constituírem mais da metade da população, o número de católicos praticantes e favoráveis à interferência do clero na vida social era mínimo.

Indo além, vemos que com a Proclamação da República em 1910 a Igreja se viu sozinha. Os republicanos convenceram a população do perigo do clericalismo na sociedade e atacaram com toda força a Igreja.

Todas as ordens religiosas foram expulsas (1910), humilhando em particular os jesuítas, que por vezes foram tratados como criminosos. Em poucos meses, todos os frades e todas as freiras tinham deixado o País ou sido forçados a abandonar o hábito. Encerraram-se as casas religiosas, os colégios e os centros de caridade dirigidos pelas congregações, passando para o Estado todos os seus bens. (MARQUES, 1998, p. 351).

Nestas circunstâncias, de igrejas sendo fechadas ou destruídas e de membros do clero católico sendo assassinados, a maioria da população que de início era favorável a estas medidas anticlericais, agora passa a ser adversa aos ideais do Governo republicano (mas permanece passiva e inerte). Ingo Swann nos comprova esta situação.

Entre 1911 e 1916, pelo menos 17 mil padres, monges e freiras foram assassinados, isoladamente e em grupos. De vez em quando, as entranhas e cabeças decapitadas das vítimas eram levadas em desfiles pelas ruas para impressionar os religiosos restantes. (SWANN, 2001.p. 190).

Por outro lado, em meio a esse contexto das aparições de Fátima, dá-se início em 1914 a Primeira Guerra Mundial, que irá abalar a estrutura de todas as nações do mundo. Todavia, em meio a esses acontecimentos os fiéis colocavam a sua esperança no sagrado, particularmente em Maria. Sendo assim, o momento era propício para uma manifestação do sagrado, no caso uma aparição mariana. E realmente foi o que aconteceu; Maria “ouviu e respondeu” ao apelo do povo e da Igreja. Vale acrescentar que a devoção a Nossa Senhora de Fátima nasceu das multidões, do povo devoto, pois foi apenas em 1921 que o bispo da Diocese de Leiria permitiu a missa em honra a Nossa Senhora de Fátima.

Sem dúvida as aparições de Maria em Fátima foi um dos fenômenos religiosos que trouxeram tremendas conseqüências para o contexto social do século XX, devido os chamados segredos de Fátima. Em razão dessas mensagens enigmáticas as aparições de Fátima se tornaram um acontecimento mundial e marcaram a História. Já na primeira aparição Nossa Senhora pedia aos videntes que rezassem o terço todos os dias.<sup>4</sup>

Quanto aos segredos de Fátima eles estão divididos em três partes. Na primeira parte é nos apresentada a visão do inferno obtida pelos videntes. Já a Segunda parte relata a devoção ao Imaculado Coração de Maria, o fim da Primeira Guerra Mundial e o início de uma nova guerra no reinado de Pio XII. Percebe-se nos segredos de Fátima uma preocupação quanto à guerra, pois Maria suplica a paz, a conversão e a penitência. Ainda nesta segunda parte do segredo, Maria transmite a sua mensagem anticomunista, onde:

A Rússia espalharia seus erros pelo mundo (o comunismo), promovendo guerras e perseguições à igreja; os bons seriam martirizados, o santo Padre teria muito que sofrer e muitas nações seriam aniquiladas. Terminava dizendo: 'Por fim o meu Imaculado Coração triunfará. A Rússia se converterá e o mundo terá um tempo de paz'. (CLÁ DIAS, 2005. p. 23).

Deve-se sublinhar limitadamente que o comunismo<sup>5</sup> constituiu numa das principais ameaças à Igreja Católica no século XX, principalmente devido a sua crença no materialismo que deixa a religião submersa, visto que para a crença comunista o paraíso é "terreno". Sendo assim, a Igreja procurou impedir o seu avanço, e para tanto fez uso das mensagens de Fátima.

Contextualizando, vemos que quando Lênin assume o governo russo em 1917 (ano das aparições) a sua primeira pretensão foi implantar o comunismo por todo o mundo e para isso a Igreja Católica havia de ser dizimada.

Entre 1917 e 1931, o governo comunista russo pôs em prática a dizimação sistemática da Igreja Católica. Em pouco mais de 13 anos, 631 paróquias e 980 igrejas foram destruídas. Mais de 1,6 milhão de fiéis foram presos, deportados ou assassinados. Até 1954, depois que os soviéticos começaram a anexar outros países ao "bloco soviético", 15.700 padres foram forçados a aceitar

---

<sup>4</sup> Essa prática religiosa instituída por São Domingos foi bastante difundida pela Ordem Dominicana no século XIII e continua sendo promovida pelos movimentos marianos da Igreja, como é o caso da Congregação Mariana, na qual todos os seus congregados se vêm no dever de recitarem o terço todos os dias.

<sup>5</sup> Sistema social, econômico e político desenvolvido teoricamente por Karl Marx baseado na propriedade coletiva dos meios de produção.

outros empregos, 8.333 seminários teológicos foram dissolvidos, 1.600 mosteiros nacionalizados e 31.779 igrejas fechadas (SWANN, 2001, p. 200).

De tal modo os “erros da Rússia” começaram a se expandir internacionalmente, o que de certo modo deixava a Igreja em sinal de alerta e ao mesmo tempo de inquietação.

A última parte do segredo de Fátima<sup>6</sup> veio a ser revelado em 2000 pelo papa João Paulo II, a qual revela a luta com os sistemas ateus, entre eles o comunismo e aponta o sofrimento das vítimas da fé no século XX, frente às duas guerras mundiais e a crise moral da humanidade. Dentre essas vítimas está o próprio Papa João Paulo II (o homem que marcou o século XX), já que a Igreja fez deste segredo uma alegoria ao atentado cometido contra ele em 1981.

E cabe a este artigo destacar a importância deste intelectual, que levou para o Vaticano uma filosofia que revolucionou completamente o culto mariano. Todo o seu pontificado foi dedicado a Maria, e para isso ele inscreveu o M de Maria nas armas pontifícias, e tomou como lema "Totus tuus" (Todo Teu). Através de várias visitas aos santuários marianos que permeiam o mundo, por meio da Encíclica “Redemptoris Mater” e de tantas outras ações o seu pontificado acentuou esta devoção mariana que congrega milhões de indivíduos por todo o mundo.

Concluindo, sem dúvida alguma Fátima foi a mais profética das aparições modernas de Maria. Por meio deste fenômeno religioso percebemos neste trabalho que a figura de Maria foi sendo edificada com o decorrer do tempo pela Igreja e também pelo povo devoto.

Por tudo o que foi percorrido, percebe-se que desde a simplicidade da devoção de Nossa Senhora de Fátima (Portugal) ao culto popular de Nossa Senhora Aparecida (Brasil), a figura de Maria impera. Hoje a figura de Maria constitui a identidade do povo católico, afinal ela vai de encontro aos anseios dos fiéis, principalmente dos excluídos da sociedade, que nela depositam a fé e a esperança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

<sup>6</sup> Refere-se a visão de “um bispo vestido de branco”, meio trêmulo e com andar vacilante, que por sua vez atravessa uma grande cidade em ruínas, rumo a uma montanha cujo cimo há uma cruz. Juntamente com ele, outros bispos, sacerdotes, religiosas e religiosos sobem a montanha. No entanto, quando o Santo Padre chega ao cume da montanha ele é morto de joelhos “por um grupo de soldados que lhe dispararam vários tiros e setas” (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **A Mensagem de Fátima**, 2000, p. 13. Disponível em <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregaciones/cfaith/documents/rc\\_com\\_cfaith](http://www.vatican.va/roman_curia/congregaciones/cfaith/documents/rc_com_cfaith)>).



CARDOSO, Rosa Maria. Viva Maria a “Nossa Senhora”. **O Mensageiro**, Santo André, SP, ano XLIII, n. 08, p. 02-04, out. 2000.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **A Mensagem de Fátima**. Disponível em <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith)>. Acesso em 23 mar. 2007

DIAS, João Scognamiglio Clá. A morte da Irmã Lúcia no contexto de Fátima. **Arautos do Evangelho**, São Paulo, ano IV, n. 39, p. 20-25, mar. 2005.

FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (dirs.). **Dicionário de Mariologia**. Tradução de Álvaro A. Cunha, Honório Dalbosco, Isabel F.L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

JULIA, Dominique. A religião: história religiosa. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.). **História: novas abordagens**. 3. ed. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

MARQUES, A. H. de Oliveira. **História de Portugal – Das revoluções liberais aos nossos dias**. 13<sup>o</sup>. Ed. Lisboa: Presença, 1998, v. 3.

PADEN, William. **Interpretando o sagrado**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PIO XII. **Sobre a Realeza de Maria – Documentos Pontifícios**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1959.

SILVA, Rui Alberto. **O tempo dos tempos de Maria: Hipóteses sobre o “Paradoxo Mariano”**. Monografia disponível em <<http://br.monografias.com/trabalhos/paradoxo-mariano/paradoxo-marianao3.shtml#unific>>. Acesso em 14 ago. 2006.

SWANN, Ingo. **As grandes aparições de Maria – Relatos de vinte e duas aparições**. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2001.